

Universidade Católica e dignidade humana

Catholic University and human dignity

Monsenhor Adriano Broleze^{1,2}

Resumo

Nosso empenho é demonstrar que o tema da Dignidade Humana está inserido na própria história da Universidade Católica, que como realidade humana se desenvolve e se compreende no computo do tempo. Não obstante, tantos desafios, a Universidade Católica é consciente de um saber Revelado, que mediado pela teologia, oferta as ciências uma possibilidade de caminho não ofensivo a máxima axiológica humana.

Palavras-chave: Dignidade humana. *Ex Corde Ecclesiae*. Universidade Católica.

Abstract

Our commitment is to demonstrate that the theme of Human Dignity is embedded in the history of Catholic University, that as a human reality develops and includes in the computation of the time. Nevertheless so many challenges, the Catholic University is aware of a Revealed knowledge, which is mediated by theology, offering science a possibility of a way not offensive to the maximum human axiology.

Keywords: Human dignity. *Ex Corde Ecclesiae*. Catholic University.

Existe uma palavra que é amada tanto por filósofos quanto por juristas, médicos, teólogos e todos os dedicados ao estudo da humanidade, essa palavra é a Dignidade. Da Dignidade, todos nós temos uma intuição geral, noção ampla que as ciências poderão, em suas especificidades, particularmente fundamentar. Todavia, quem se cerca verdadeiramente do conceito de Dignidade e de Dignidade Humana jamais poderá dispensar o que a Teologia tem a oferecer sobre esse conceito. Sobretudo porque entende que, em muitíssimas situações, ainda que em sentido essencial, o destino da humanidade se inclinará a partir da definição do que compreendermos como digno³.

Outra palavra que carrega uma força gigantesca é a palavra Universidade, prehe de tantas possibilidades e de tantas interpretações que nos deixa admirados ao

¹ Doutor em Direito Canônico pela Universidade Lateranense de Roma. Professor Doutor, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Faculdade de Teologia e Faculdade de Direito. Rod. Dom Pedro I, Km 136, Parque das Universidades, 13086-900, Campinas, SP, Brasil. *E-mail:* adriano.broleze@puc-campinas.edu.br

² Vigário Judicial do Tribunal Eclesiástico Interdiocesano de Campinas.

³ D'AGOSTINO, F. *Bioética*. Torino: G. Giappichelli Editore, 1998. p.77-88.

reconhecer uma única só palavra capaz de absolver o todo existente: *universum!*⁴ Particularmente, olhamos para ela agora, diretamente relacionada com o ambiente de ensino, de troca de conhecimento, de formação e de crescimento. No dizer do filósofo alemão Josef Pieper “é muito significativo que justamente a forma institucional das ‘escolas superiores’, do ‘ensino superior’, daquilo que chamamos de universidade, seja uma daquelas realizações nas quais se ‘cristalizam’ experiências humanas grandes e fundamentais”⁵.

Nosso empenho será unir a compreensão da Dignidade Humana e o conceito de Universidade, que podem ser apreciados como o entendimento do ser em sua época, e sua responsabilidade ao relacionar-se com o próximo. Para tanto, o horizonte histórico será um dos vários caminhos para averiguarmos a relação do pensamento e sua compreensão de si mesmo, ou seja, de sua aceitação como portador de um valor inerente comungado com toda a espécie.

Nesse sentido, os últimos acenos da história têm se revelado inquietantes. Nossa pós-modernidade, crepúsculo do iluminismo moderno, engendrou um paradigma cultural absolutamente inédito, entendido com a ótica de Weber como um politeísmo ético, visto que sustenta todo esforço de unidade e comunhão de valores, no ordenamento mundial é inconciliável⁶. As corajosas tentativas de salvaguardar a vida humana são condensadas a um minimalismo moral, a crise das ideologias destruiu o próprio sentido de se ter uma ideologia, a massificação do consumo, a exploração do outro e a instrumentalização do eu⁷ têm sido a gênese de um momento histórico de depressões, tristezas e conflitos. Bem sintetizou esse sentimento Fernando Pessoa:

A vida é um hospital
Onde quase tudo falta.
Por isso ninguém se cura
E morrer é que é ter alta.

O império do relativismo desta modernidade tardia faz a própria ética ser compreendida como um perigo, visto que sua reflexão, numa sociedade de alta complexidade como a nossa, ativa conflitos de valores que não nos encontra, num primeiro momento, sapientemente prontos para compor e resolver⁸. Refugiados morrem nos muros de um continente que já foi migrante, o saber virou artigo de comércio, venda e lucro. A propaganda em fazer o bem é mais desejada e buscada do que a realização do próprio bem feito. O que vale é impor-se, depredar o outro, destruir e calar é o meio, é a nefasta lógica do relativismo. A vida vira um absurdo, é a glória do niilismo, vida é poder.. *é pau.. é pedra.. é o fim do caminho!!!* Para tantos vivemos numa inversão de valores, de razões e até de esperanças... Como canta Jorge Bem Jor:

⁴ PIEPER, J. *Offenheit für das Ganze: Die Chance der Universität*, 1963.

⁵ *Id.*

⁶ Cf. D'AGOSTINO, 1998. p.77-88.

⁷ *Id.*

⁸ *Ibid.*

*E como já dizia Galileu na Galileia
Malandro que é malandro não boboia
Se malandro soubesse como é bom ser honesto
Seria honesto só por malandragem...*

O filósofo Ernst Cassirer, em sua obra: *Ensaio sobre o Homem* acentua a desarmonia de nosso tempo: “*nossa teoria moderna do homem perdeu seu centro intelectual. Adquirimos, no lugar dele, uma completa anarquia de pensamento. É claro que mesmo nos tempos antigos havia uma grande discrepância de opiniões e teorias relativas a este problema. Mas restava pelo menos uma orientação geral, um marco de referência ao qual todas as diferenças individuais podiam ser submetidas*”⁹. Nesse sentido, o grande perigo do pensamento em geral é adentrar num turbilhão esquizofrênico em que se apregoa uma ordem sem justiça, uma cura sem cuidado, uma teologia sem Deus, o humano sem dignidade!

Voltamos a presenciar gigantescas ondas humanas de refugiados: homens, mulheres e crianças padecem de violação de seus direitos, patrimônios históricos são simplesmente dinamitados, existe a fome, doença e morte, a anunciada era tecnológica testemunha o obscuro. Max Horkheimer, na obra *Eclipse da Razão* declara: “*A crise da razão se manifesta na crise do indivíduo, por meio da qual se desenvolveu... o indivíduo outrora concebia a razão como um instrumento do eu, exclusivamente. Hoje, ele experimenta o reverso dessa autodeificação. A máquina expeliu o maquinista*”¹⁰ (HORKHEIMER, 2002, p.133) E o que dizer sobre a perseguição religiosa: “*Eles matam pensando que estão agradando a Deus*” Jo 16,2. Diante de todo esse quadro, como é urgente estudar o tema da Dignidade!

Obviamente, entendemos que não é o fim e nem temos direito de pensar assim. A Encíclica *Gaudium et Spes* indica a postura que sempre deve nos nortear: A postura da Esperança. Esperança contida na vida de homens e mulheres iluminados que nos ofertaram o patrimônio de suas biografias, pessoas de alma generosa que testemunharam no horizonte turvo do seu tempo uma visão compreensiva de transcendência. Um Francisco de Assis: aonde houver dúvida que eu leve a Madre de Calcutá, Santa e Nobel da Paz, que simplificava seus grandes feitos dizendo: *O que eu faço é simples, ponho pão nas mesas e compartilho*. Em Anne Frank que na perseguição terrível do nazismo confidenciava em seu Diário *que apesar de tudo ainda tinha esperança na bondade humana*. A intuição, presente em todas as culturas, é a intuição de Deus, e no Deus Revelado em Jesus Cristo, a invasão da misericórdia divina na história, confiando na adesão de cada um, para a construção de uma realidade nova, perpassada pelas virtudes teológicas da Fé, Esperança e Caridade. E nisto, a valência da Dignidade humana na Universidade Católica¹¹.

⁹ CASSIRER, E. *Ensaio sobre o Homem*. São Paulo: Martins Fontes, 2012. p.42.

¹⁰ HORKHEIMER, M. *Eclipse da razão*. São Paulo: Centauro Editora, 2002. p.133.

¹¹ PAULO VI, Papa. *Gravissimum Educationis*, AAS (1966), p.728-739.

Uma apropriadíssima definição de Universidade Católica é colhida pela *Ex Cordie Ecclesiae: NASCIDA DO CORAÇÃO DA IGREJA*, a *Universidade Católica insere-se no sulco da tradição que remonta à própria origem da Universidade como instituição, e revelou-se sempre um centro incomparável de criatividade e de irradiação do saber para o bem da humanidade. Pela sua vocação, a Universitas Magistrorum et Scholarium, consagra-se à investigação, ao ensino e à formação dos estudantes, livremente reunidos com os seus mestres no mesmo amor do saber. Ela compartilha com todas as outras Universidades aquele gaudium de veritate, tão caro a Santo Agostinho, isto é, a alegria de procurar a verdade, de descobri-la e de comunicá-la em todos os campos do conhecimento. A sua tarefa privilegiada é “unificar existencialmente no trabalho intelectual duas ordens de realidade que muito frequentemente se tende a opor como se fossem antiéticas: a investigação da verdade e a certeza de conhecer já a fonte da verdade”¹² (Papa João Paulo II, 1990). Assim, a investigação da verdade: a ciência, a razão humana e a fonte da verdade: a Revelação. Nisto podemos celebrar o lema heráldico de nossa casa: *Fide Splendet et Scientia*.*

O labor universitário se lança em cada época, contribuindo com a formação, capacitação e valorização de todos os seus membros, notadamente na relação de professores e alunos, mas também desses com a sociedade. Edith Stein quando escreve sobre a responsabilidade da Igreja na formação, assim ensina: “a relação da Igreja com a formação da juventude é um chamado de relação imediata. Seu direito é, como toda sua origem, sobrenatural e está baseada em dois títulos: sua missão de magistério universal, o qual encarregou seu Divino Fundador e por sua Maternidade Sobrenatural, pela qual a Igreja como Esposa de Cristo, com seus sacramentos, sua doutrina, cuida, nutre e educa para a vida da Graça”¹³.

Nesse contexto, somos herdeiros e anunciadores de um patrimônio de fé e cultura. A transmissão da religiosidade vivenciada pelo povo hebreu que, no meio do politeísmo, experimentou a Deus. Experiência real que teve sua plenitude na Revelação de Jesus Cristo: “Muitas vezes e de muitos modos, Deus falou outrora aos nossos pais, pelos profetas. Nestes dias, que são os últimos, falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e pelo qual também criou o universo” (Hb1, 1-4). Somos testemunhas do Deus onipotente que se encarna por amor ao homem, como acentuou Santo Ambrósio de Milão: “Deus repousou no retiro do coração do homem, repousou em seu espírito, em seu pensamento, em sua humanidade”. Jesus Cristo anuncia o Evangelho, sendo Ele o próprio Evangelho encarnado, resgata a humanidade, ofertando a cada um a possibilidade de ser Filho de Deus. O Senhor nos ama até o suplício da Cruz e, na Cruz, faz nova todas as coisas, na injustiça da cruz, Deus se faz unido a todos os sofredores, vence a morte e nos oferta vida: Vence sofrendo, por nós e conosco: *Victor quia Victma!* O próprio Senhor resume a razão da encarnação “eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância” (Jo 10,10).

¹² PAULO II, Papa. *Ex Cordie Ecclesiae*, n.1. AAS 82 (1990), p.1475-1509.

¹³ STEIN, E. *Escritos Antropológicos e Pedagógicos*. Madrid: Ed. Monte Carmelo. p.528.

Do patíbulo da cruz uma transformação na história da humanidade que é impossível refletir em poucas linhas, ora pela brevidade do tempo, ora pela nossa incapacidade. Muitos santos e doutores o tentaram, mas penso que a melhor expressão para traduzir a força da Encarnação que adentra na história humana com o “Sim” de Maria e quer adentrar em nossos corações, pedindo licença, contando com o nosso sim, esteja na passagem do Evangelho de São João 21,25 “*Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez; e se cada uma das quais fosse escrita, cuida que nem ainda o mundo todo poderia conter os livros que se escrevessem*”.

A valorização da dignidade humana foi, então, um tema presente na história do cristianismo, seja na ação caritativa ou na acadêmica. Agostinho de Hipona irá descobrir o conceito de Pessoa. Santo Irineu de Lião afirmará “A glória de Deus é o homem vivo” São Máximo: “Ditoso o homem que ama todos os outros com igual intensidade”. São Leão Magno: “Não seja um homem desprezível a seu semelhante, nem se menospreze aquela natureza que o Criador de todas as coisas fez sua. E São Nilo do Sinai “Perfeito é o monge que em todo ser humano vê a Deus”¹⁴. No nascedouro das Universidades, Santo Tomás de Aquino já lançava olhar para a conceituação axiológica do Indivíduo que hoje entendemos como Dignidade. Em muitas passagens o Aquinate sustentava a expressão “*individuum de retione materiae*”. Isto, na filosofia do Doutor Angélico, significa dizer sobre a matéria que se converte em realidade, numericamente distinta de qualquer outra. Aplicando à criatura racional, compreende o ser humano como individualidade, portador de alma, que atribui subsistência e providência espiritual. Em poucas palavras, o homem é um composto de alma intelectual e corpo material, implicando uma profunda unidade - eis o ser humano como que uma síntese do todo o universo criado¹⁵.

A teologia oferece esse contributo às demais ciências, que no âmbito da Universidade Católica poderão compreender enriquecidas pelo diálogo que contempla a universalidade do saber e o mistério da Revelação. Nesse sentido, o Concílio Vaticano II também ensinando na *Gaudium et Spes* diz: A primeira verdade que a Sagrada Escritura pronuncia sobre o homem diz respeito a sua dignidade. “Então Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança.” O homem foi criado à imagem e semelhança de Deus e, por isso, ele tem um valor que o coloca acima de todo o mundo visível. O Concílio ensina que: O homem na verdade não se engana quando se reconhece superior aos elementos materiais, e não se considera somente uma partícula da natureza ou um elemento anônimo da cidade humana. Com efeito, por sua vida interior, o homem excede a universalidade das coisas. Por ter sido criado à imagem de Deus o homem é a única criatura visível que é capaz de conhecer e amar seu Criador. A dignidade do homem consiste na sua inteligência e no seu livre arbítrio. Mas estas capacidades são ordenadas à comunhão com Deus. Com outras palavras: o homem tem inteligência e livre arbítrio precisamente para poder entrar, estar e crescer numa comunhão com o Sumo Bem que

¹⁴ GOMES, C.F. *Antologia dos Santos Padres*: páginas seletas dos antigos escritores eclesiásticos. 2a. ed. São Paulo: Paulinas, 1980.

¹⁵ STEIN, *op. cit.*, p.771, Cf. *Summa Theologiae I*. q. 75-83.

é Deus. Entre todas as criaturas visíveis somente o homem é capaz disso. É por isso que o homem “é a única criatura na terra que Deus quis por si mesmo”¹⁶.

O esforço de reconhecer, promover e sustentar a Dignidade humana é permanente no transcurso da história e, se renova, independentemente dos terríveis malogros de cada momento da humanidade. Lamentavelmente, somos capazes de aceitar e até promover atitudes contrárias a essa realidade universal humana, mas também somos capazes de reler os acontecimentos e unir esforços para que não ocorra sua repetição, como bem salientou o Papa Francisco no Parlamento Europeu em 2014. Ensina o Papa: *“A dignidade é uma palavra chave que tem caracterizado a retomada depois da segunda guerra. A nossa história recente se distingue pela oscilante centralidade da promoção da dignidade humana contra as múltiplas violências e discriminações, que, infelizmente, na Europa se fazem presentes no curso dos séculos. A percepção da importância dos direitos humanos nasce própria como êxito de um longo caminho, feito também de muitos sofrimentos e sacrifícios, que foram contribuindo para formar a consciência da preciosidade, unicidade e não repetição de cada singular pessoa humana”*¹⁷.

As ciências bem o sabem que, defronte ao ser humano, não será possível adotar outra linguagem que não a da Dignidade, mas, ao mesmo tempo, também são cientes que esta linguagem reclama contínua e fatigosa revisão¹⁸. Não existe, todavia, na esfera do código simbólico, outra estrada a percorrer, senão a da reflexão que forjará as contingências do avanço e da autolimitação da pesquisa científica¹⁹. A Universidade Católica, nesse sentido, oferece uma significativa contribuição, sustentando uma visão integral do ser humano, visão que envolve não só a indispensável conceituação teórica de cada ciência, mas também a universal visão antropológica, colhida na seara teológica, do pensante como mistério para si mesmo e, em comunhão com o outro.

Sabidamente, bebedora da fonte da Verdade, a Universidade Católica deve lançar seu empenho comungando da esperança própria de cada época, fornecendo consistente meio de formação, sendo reconhecida como centro irradiador de excelência na busca do conhecimento. No aspecto particular da dignidade humana, a Universidade Católica soma esforços de todos os campos do conhecimento, para satisfatoriamente, apresentar aos anseios de sua contemporaneidade, entrelaçando o patrimônio inesgotável de sua tradição, a elaboração de condições axiológicas, pelas quais o conceito de Dignidade Humana possa ser universalmente compartilhado.

Um dos grandes juristas italianos, Norberto Bobbio, dizia sobre a caridade e a justiça, coligadas com o tema aqui tratado, lembrando que o valor supremo laico, em alternativa à caridade é a justiça, se tivéssemos mais justiça, não teríamos necessidade da caridade. Essa afirmação, em princípio, remeteria a dignidade humana ao voluntarismo. Nesse sentido, a Teologia seria deixada de lado, esquecida, não levada em conta. Contudo, é o

¹⁶ Cf. Vaticano II. *Gaudium et Spes*. AAS 58 (1966), 1025-1115.

¹⁷ Papa Francisco, Discurso ao Parlamento Europeu, 2014.

¹⁸ Cf. D'AGOSTINO, 1998, *op. cit.*

¹⁹ *Id.*

próprio Bobbio que completa sua frase: “Porém é uma solução que nos pode deixar perplexos, porque a justiça não é deste mundo”. E, assim, a Teologia volta seu olhar para a Revelação do Reino de Deus e de sua Justiça²⁰.

Ora, a Teologia, na dimensão própria da Universidade Católica, deseja humildemente contribuir com as demais ciências, sendo ela mesma uma ciência genuflecta. Compartilha a luz que provém da fé e adentra nos corações humanos, promovendo, não obstante nossas falhas, a esperançosa realidade nova. O teólogo sabe que tem uma tarefa a qual não pode se furtar: A tarefa de pensar, viver e anunciar: a fraternidade, isto é, de reconhecer em cada próximo um irmão. Tarefa compartilhada na semeadura do saber universitário, como testemunhas confiantes em Deus “Todo Poderoso”, mas que por nós quer ser chamado de Pai.

²⁰ *Id.* 1998, *op. cit.*

